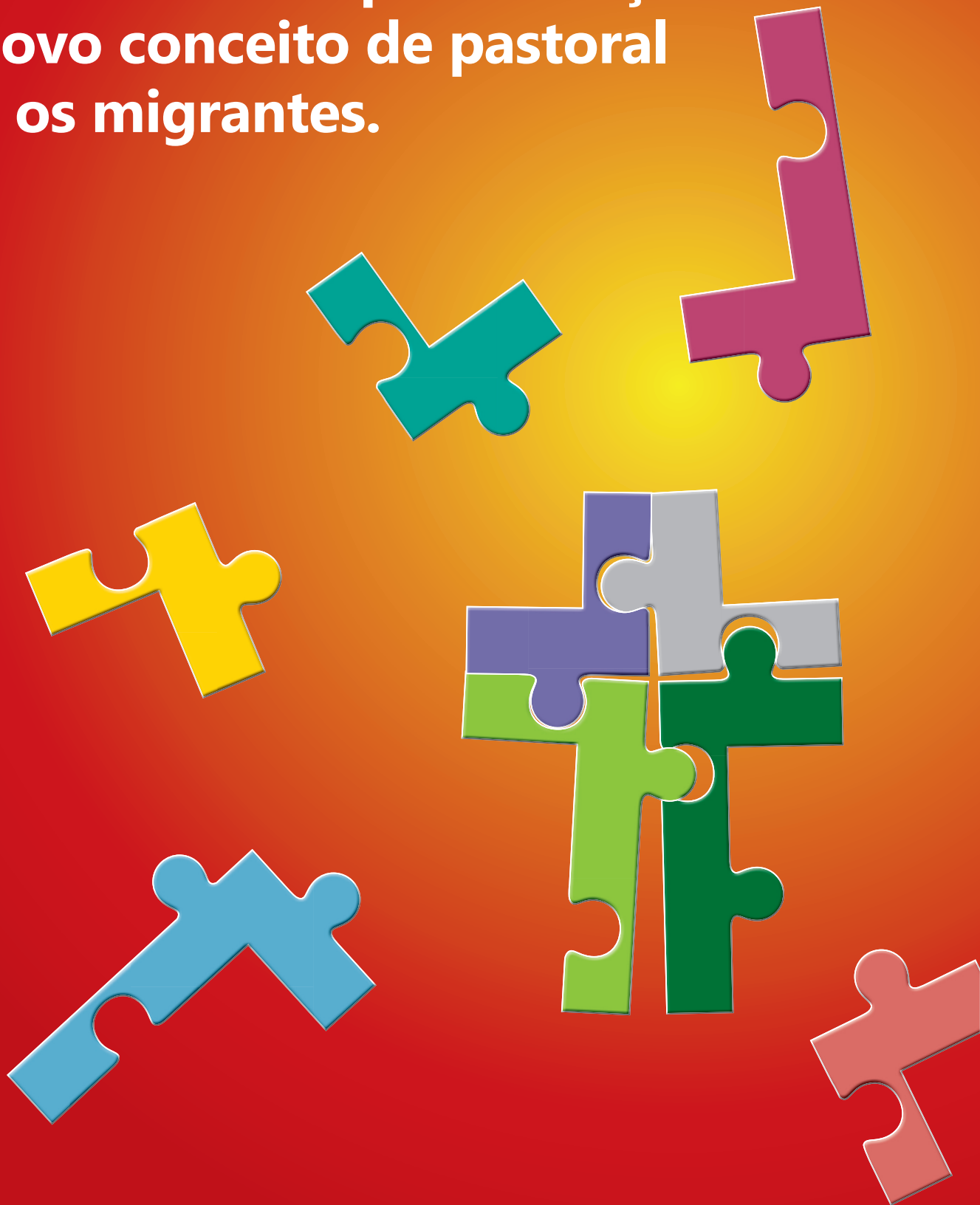


# Mensagem dos bispos suíços por ocasião da implementação do novo conceito de pastoral para os migrantes.



SCHWEIZER BISCHOFSKONFERENZ  
CONFÉRENCE DES ÉVÊQUES SUISSES  
CONFERENZA DEI VESCOVI SVIZZERI  
CONFERENZA DILS UESTGS SVIZZERS

*rkz*

Römisch-Katholische Zentralkonferenz der Schweiz  
Conférence centrale catholique romaine de Suisse  
Conferenza centrale cattolica romana della Svizzera  
Conferenza centrala catolica romana da la Svizra

## Mensagem dos bispos suíços por ocasião da implementação do novo conceito de pastoral para os migrantes.

O novo conceito de pastoral para os migrantes, agora colocado nas mãos de todos os atores envolvidos, é o resultado de um longo processo de reflexão e consulta. Pretende ser um instrumento que, tendo em conta as migrações atuais, leve em consideração a necessidade de uma pastoral intercultural. Com efeito, falar hoje da Migração e das suas problemáticas é evocar as próprias raízes deste «povo em marcha» que é a Igreja. É revelar a nossa identidade de crentes, descendentes de Abraão, pois as nossas raízes nos ligam a este pai na fé. «Meu pai era um aramaico apátrida ...» (Dtn 26: 5).

Assim começa o Credo de Israel no qual germina e se expressa toda a vida do crente com seu Deus. A carta aos Hebreus ecoa uma profissão do mesmo escopo; todos esses antepassados que, passo a passo, atravessaram a história com toda a bagagem por uma fé inabalável em seu Deus, «confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra.» (Hebr 11:13). Despretensiosos, mas com uma convicção de que gostariam de ser tão sólidos quanto a fé de seus pais, porque se baseia em seu exemplo, os bispos da Suíça em estreita colaboração com a Conferência Católica Romana Central da Suíça (RKZ) , promulgam este conceito de pastoral para os migrantes. O seu início foi reativado pela urgência que surgiu com os movimentos populacionais ligados ao deslocamento forçado de refugiados, bem como pelo número crescente de refugiados econômicos que batem à nossa porta. Os resultados de uma primeira análise revelaram uma evidência esquecida: cerca de 40% da população católica na Suíça provem da migração. Como resultado, muitos podem colocar o rosto de seus pais ou avós quando afirmam que «meu pai era um ... apátrida». É sobretudo esta multiplicidade de procedências, de culturas, de línguas, de tradições, de ritos litúrgicos, que dá à Igreja na Suíça uma cor típica que também define a sua própria identidade. Resta acolher esta realidade como uma oportunidade. Ela será uma se, respeitando as diferenças, todos estiverem dispostos a contribuir para a construção da Igreja de Jesus, a serviço do bem de todos. Uma Igreja na qual ninguém se sinta esquecido, abandonado, deixado de lado (Colossenses 3: 22; Ga 3: 28), uma Igreja que anuncia que a comunhão estabelecida por Jesus Cristo (Jó 17) exige o nosso empenho pleno.

As orientações indicadas pelo Papa Francisco, que nos convida a acolher, proteger, promover e integrar os migrantes, continuam a ser a nossa bússola. Por meio de dois breves olhares de pastores que estão particularmente envolvidos na pastoral quotidiana em relação à realidade da migração, gostaríamos de ilustrar que é um lindo projeto evangélico buscar ativamente ser e conviver com o maior respeito.

\* \* \*

## Seguem dois relatórios de experiências que testemunham o empenho pastoral cotidiano de numerosos missionários evangélicos.

Como pastor titular que trabalhou por quase dez anos no oeste de Lausanne (Unidade pastoral pluricultural de Renens-Bussigny), tive a alegria de encontrar aqueles que constituem a maioria dos católicos na diocese de Lausanne-Genebra-Friburgo: aqueles que falam outras línguas! Eles vêm de todos os cantos do mundo: Itália, Portugal, países da América do Sul, França, Polónia, mas também da Suíça para além do Sarine ... para citar apenas as principais.

Se a situação na Suíça data de mais de um século, hoje na comunidade paroquial urbana de São Francisco de Assis em Renens-Bussigny, vivem italianos do sul da terceira geração, portugueses do norte da segunda geração, imigrantes da América do Sul que chegaram recentemente com seus filhos, mas também franceses que trabalham na Escola Politécnica Federal de Lausanne (EPFL) ou em outras empresas do setor econômico secundário ou terciário...

- Há também uma nova onda de migração que chega dos países acima citados: acadêmicos e graduados de departamentos de informática ou de pesquisa robótica de última geração que se instalam temporariamente na região, muitas vezes com suas famílias, e como católicos praticantes pedem o mínimo: missa e catequese em sua língua materna. Seu tempo é limitado: em média ficam entre 5 e 8 anos, depois vão embora.
- Dois efeitos da fase de pós-pandemia: Os paroquianos que se estabeleceram a longa data relutam em voltar para seus países; os recém-chegados em situação precária e em busca de situações economicamente mais favoráveis nas proximidades das grandes cidades do oeste da Suíça parecem estar prontos para emigrar ...
- Esta pluralidade é incentivada a interagir com o meio ambiente sob a orientação dos auxiliares pastorais nomeados na área paroquial. Quanto aos «nativos», também eles são convidados a migrar: a aproximar-se do outro, precisamente o próximo, porque também se escreve uma história da migração quando se mora em uma comunidade que consiste em 51 por cento de falantes estrangeiros!
- Além disso, deve-se levar em conta - tanto na convivência quanto na pastoral - que atritos, tensões, incompreensões e fracassos também podem surgir na interação entre católicos de diferentes culturas. Não é o sucesso da «unidade na diversidade» que se busca a todo custo, mas a construção da confiança intercomunitária - trabalho lento e paciente de relacionamento, de escuta, de encorajamento...

Ser católico - *cath'olikos* - é sinônimo de crescimento acompanhado de abertura à pluralidade, sempre inclusiva e mais centrífuga que centrípeta ... quando se está ancorado em Cristo, Irmão e Filho universal do «Pai Nosso».

(Abade Thierry Schelling)

Durante o meu trabalho pastoral, tenho notado que a pastoral dos migrantes às vezes se restringe à lógica do «pedir / conceder», por exemplo em relação à hospitalidade, a utilização de uma igreja ou espaço paroquial ou ao financiamento de atividades pastorais. Estou convencido de que não devemos nos limitar à divisão dos espaços litúrgicos e paroquiais, dos recursos econômicos e das despesas, mas devemos dar um passo além e buscar mais participação dentro da Igreja para que a nossa comunidade possa crescer.

«No reino do Céu é como um homem que, partindo em viagem, chamou seus servos e lhes entregou seus bens. E deu a um cinco talentos, e a outro dois, e um para o terceiro; a cada um de acordo com suas próprias habilidades, e ele partiu em sua jornada.» (Mt 25, 14-15)

O Senhor chama seus servos a ele e confia seus bens a eles. A cada um segundo o seu dinamismo a sua capacidade de dirigir e operar, de administrar e investir, de realizar, de preservar e de promover. Então o Senhor parte; ele também é o pioneiro na migração, o primogênito da Igreja peregrina na terra.

Ainda hoje é ele quem nos chama e nos confia os seus bens, dos quais os mais preciosos são o seu povo e a nossa, a sua Igreja.

Somos todos peregrinos nesta terra e neste país, onde nascemos ou chegamos, que nos acolhe a todos e pelo qual cada um de nós é responsável. Grande é o valor da sua Igreja, que é a sua casa, mas também a casa de nós todos, o lugar físico e espiritual onde o povo de Deus se encontra e vive uma fé pessoal e comunitária, uma fé expressa e vivida na diversidade. Grande deve ser o amor dinâmico pelas mulheres e homens que constituem a Igreja, a servem e a conduzem e que zelam por ela. Por meio do batismo, todos nós fomos acolhidos pela Igreja; todos nós somos chamados a cuidar dela e zelar uns pelos outros, a permanecer abertos no acolhimento e vigilantes na promoção do homem e dos seus direitos.

Quaisquer que sejam as nossas proveniências e origens, o Senhor nos confia os seus bens de acordo com as nossas diferentes capacidades de acolher e ouvir, no respeito pelos diferentes costumes e tradições, no respeito pela diversidade. Ainda que às vezes caiamos na tentação de «enterrar» esses bens, escondendo-os na terra e isolando-os do resto da Igreja, o Senhor continua a confiá-los a nós.

Cabe a nós, migrantes e nativos juntos, cuidarmos de seus pertences, estarmos prontos para recebê-lo em seu retorno e ouvir seu convite: “Está bem, entra no gozo do teu senhor” (Mt 25:21).

(Francesco Marra, diácono)

Agradecemos calorosamente a estes dois irmãos. Os testemunhos aqui dados ilustram o empenho pastoral e diário de muitos missionários do Evangelho. Eles não só nos mostram as novas formas que a migração está assumindo como resultado dos eventos socioeconômicos em nosso mundo, mas também apontam a necessidade de uma forte ancoragem bíblica: é a principal fonte de inspiração para nossa resposta pastoral.

Fribourg, 2 de dezembro de 2020

Em nome dos bispos suíços

**Mgr Jean-Marie Lovey CRB**  
Responsável pelo setor «migratio»